

# 1 Introdução

O Português para Estrangeiros tem se mostrado uma área em franco desenvolvimento que tem crescido bastante no Brasil nos últimos 25 anos. Entretanto, alguns aspectos da descrição gramatical voltada para as necessidades do falante não-nativo carecem de uma maior atenção. É o caso do uso de *expressões formulaicas*, ou rotinas conversacionais, objeto de estudo deste trabalho.

Há no português do Brasil algumas expressões que não são nem *expressões idiomáticas*, nem *metáforas cristalizadas* (cf. Cap. 2). Para Tannen & Öztekin, (1981:37), as expressões formulaicas “são combinações de palavras associadas na mente de todos, freqüentemente repetidas em uma seqüência”. A autora acrescenta, ainda, que as expressões formulaicas formam parte de uma interação social e enfocam a relação entre os interlocutores (cf. Cap. 2).

Como podemos ver ao longo deste trabalho, o uso de expressões com diferentes graus de variabilidade de forma é extremamente comum no português do Brasil. Alguns exemplos de tais expressões são *tudo bem?*,  *você tem horas?*, *obrigado*, etc.

Para identificar uma expressão formulaica, podemos considerar, por exemplo, as seguintes perguntas: *Você tem horas?* e *Você tem filhos?* As respostas para essas duas perguntas anteriores, que têm forma semelhante, serão diferentes. Para a primeira, espera-se uma resposta indicando as horas. Para a segunda, espera-se uma resposta do tipo *Sim/Não: Tenho.* ou *Não tenho.* Assim, identificamos a primeira pergunta, diferentemente da segunda, como uma expressão formulaica, pois é uma expressão que não pode ser entendida literalmente, ou seja, no contexto apresentado possui uma função de perguntar as horas e não de saber se a pessoa tem ou não algo. Voltamos a discutir o assunto mais adiante (cf. Cap. 2).

Vemos no nosso trabalho que estas rotinas conversacionais são muito utilizadas, principalmente na linguagem oral. Mas percebe-se a necessidade de se definir critérios ou procedimentos para identificá-las e para verificar que espaço tais expressões ocupam na descrição do Português Língua Estrangeira (PLE). Além disso, apresentamos a sua importância para a performance lingüística do aprendiz.

Essas necessidades, entre outras, levam-nos a refletir sobre a importância das expressões formulaicas na descrição do PLE.

Em um primeiro momento, percebemos que o material didático disponível no mercado, quando apresenta tais expressões, faz menção incipiente das mesmas. Não há uma preocupação em diferenciar frases originais, expressões formulaicas e expressões idiomáticas. O máximo que encontramos são listas de estruturas e expressões que não apresentam uma organização clara para o aprendiz, sem uma proposta de trabalho.

Uma questão que merece destaque é que tais expressões parecem ser mais características na língua oral. Isso nos leva a pensar na hipótese de essa característica ser um fator importante para que as expressões formulaicas sejam relegadas a um plano de menor importância. Em geral, observamos que os materiais de ensino de PLE existentes no mercado, apesar de utilizar alguns aspectos de língua oral, ainda são tímidos nesta área. Na realidade, a nossa análise aponta para o fato de que os livros existentes no mercado se preocupam muito mais em apresentar a variedade padrão do português, dando pouco espaço ao português coloquial. Isso pode suscitar a hipótese de que as expressões formulaicas, por pertencerem ao âmbito coloquial/oral da linguagem, não são pensadas e apresentadas de uma maneira adequada, dificultando ao aluno seu conhecimento, entendimento e uso.

Para chegar ao constatado acima, consultamos obras de referência como Dubois (1973), Camara Jr. (1988), Nascentes (1986) e Silva (1975), obras normativas como Cunha & Cintra (1985) e Bechara (1999), obras descritivas, a saber, Neves (1999), Vilela & Koch (2001) e Perini (1995), gramáticas voltadas para o Português Língua Estrangeira, Perini (2002) e Hutchinson & Lloyd (1996) e, finalmente, obras didáticas do português como língua estrangeira, Ponce (2001), Ponce (1999), Lima et al (1991), Marchant (1997), Almeida & Guimarães (1990) e Henriques & Grannier (2001).

Encontramos no dicionário de Dubois (1973:330) apenas uma explicação para *idiomático*:

“Expressão idiomática é qualquer forma gramatical cujo sentido não pode ser deduzido de sua estrutura em morfemas e que não entra na constituição de uma forma mais ampla: o port. *Como vai?*, e o inglês *How do you do?* São expressões idiomáticas.”

Como perceberemos mais à frente, o autor não consegue estabelecer limites entre os possíveis tipos de expressões e os rotula a todos, igualmente, de expressões idiomáticas.

O dicionário de Camara Jr., por sua vez, sequer aborda a questão.

Em Silva (1975) e Nascentes (1986) observamos que o primeiro concentra-se nas locuções adverbiais e adjetivas, não privilegiando desta forma as expressões formulaicas. Algumas destas aparecem apenas listadas no decorrer da obra, sem maiores explicações referentes à sua natureza. Já Nascentes (1986) inclui em sua obra muitas expressões de ordem fraseológica, uma vez que não se dedica apenas às locuções, mas assinala também no corpo de seu trabalho expressões de uso popular. Apesar de possuir uma ampla listagem das *expressões fraseológicas*, estas não são distinguidas das outras expressões.

Ao verificarmos algumas obras da tradição gramatical, percebemos que apenas Bechara (1999) acusa a existência de expressões no português, o que não ocorre em Cunha & Cintra (1985). Bechara (1999:603) inclui as expressões idiomáticas ou, como ele também denomina, *idiotismos*, no tópico *Anomalias de linguagem*, como sendo

“toda a maneira de dizer que, não podendo ser analisada ou estando em choque com os princípios gerais da Gramática, é aceita no falar culto.”

Portanto, o autor deixa de considerar todas as expressões que fazem parte da linguagem informal, não apresentando, então, uma explicação que diferencie os tipos de expressões existentes no português do Brasil.

Outras obras de descrição do português consultadas, diferentemente das gramáticas de Bechara e Cunha & Cintra, apontam a existência de expressões na língua portuguesa. Neves (1999), por exemplo, procura organizar em gramática as possibilidades de construção que são aproveitadas pelos usuários do português para a obtenção de efeitos de sentidos pretendidos. Portanto, a partir dos itens gramaticais e lexicais da língua, a autora se utiliza de *expressões fixas* para demonstrar alguns usos lingüísticos. Neves (1999:507) ilustra o fato ao tratar dos *pronomes demonstrativos*, apresentando expressões que envolvem esses pronomes: *entrar nessa, ora essa, essa não* etc. Ainda assim, a autora não dedica uma parte mais extensa do seu trabalho para tentar explicar as expressões formulaicas e distingui-las dos outros tipos de expressão.

Também em Vilela e Koch (2001:321) afirmam, ao tratarem de *grupos de palavras e elementos frásicos*:

“Há, entre palavra e frase, um conjunto de unidades intermediárias, designadas como locuções, fraseologias, expressões locucionais, combinação de palavras, sintagmas, etc. Excluímos aqui as combinações fraseológicas fixas e lexicalizadas, que já não pertencem à ‘técnica livre do discurso’: estas integram-se, por direito próprio, no léxico primário (as

expressões fixas equivalentes de palavras) ou nas categorias textuais (as expressões que correspondem a um texto, como por exemplo,

Por dá cá aquela palha [= por um nada] ele explode

Aqui é que a porca torce o rabo.

Quem foi ao mar perdeu o seu lugar [= texto]”

Em Perini (1995: 347), no item de sua gramática onde trata dos *lexemas*, *palavras*, *morfemas* e *expressões idiomáticas*, afirma que:

“(...) o léxico precisa incluir ainda certas expressões idiomáticas fixas, do tipo *bater as botas*, *a olhos vistos* etc. Estas não são propriamente palavras: por exemplo, em *bater as botas*, podemos flexionar a primeira parte: *bater as botas*, *baterão as botas* etc, o que nunca acontece com as palavras propriamente ditas. Mas as expressões idiomáticas não podem tampouco ser consideradas frases ou sintagmas normais, por várias razões: primeiro, na fala, nunca podem ser interrompidas por hesitações, sem destruir o efeito da expressão idiomática.”

O autor continua a descrição, concluindo que tais expressões não são estruturas montadas pela sintaxe e semanticamente interpretadas, mas, antes, são itens compostos, separadamente listados no léxico. Ou seja, a afirmação do autor lida exclusivamente com expressões idiomáticas, sem apresentar proposta de explicação para as expressões formulaicas.

Ao buscarmos apoio nas obras de referência em PLE, analisamos duas e percebemos que apenas uma apresenta um tratamento em separado.

Em Perini (2002), embora o título de sua obra seja *Português Moderno*<sup>1</sup>, não encontramos nenhuma referência a qualquer tipo de expressão.

Já em Hutchinson & Lloyd (1996), encontramos uma seção intitulada *Funções da Linguagem*<sup>2</sup> que apresenta em sua sistematização as expressões formulaicas ao lado de outras estruturas que possuem um papel funcional na comunicação em Língua Portuguesa. Apesar de apresentar as expressões formulaicas, os autores não as diferenciam das outras estruturas, nem apresentam um tratamento especial para elas. O trabalho limita-se a uma listagem das estruturas e expressões com seus equivalentes em Língua Inglesa, o que constitui uma louvável diferença uma vez que é uma obra que se preocupa em apresentar um trabalho que inclua as expressões, embora o material efetivamente apresentado pelos autores contenha lacunas e falta de sistematização que dê conta dos diferentes tipos de expressões.

---

<sup>1</sup> Tradução nossa.

<sup>2</sup> Idem

Constatamos que os livros didáticos de português como língua estrangeira se restringem, na maioria das vezes, a apenas elencar algumas dessas expressões. Na realidade, o grande grupo de expressões que encontramos nestas obras durante a pesquisa preliminar constituía-se de expressões idiomáticas.

Ponce et alli (2001) é, dentre as analisadas, um das poucas obras que apresenta algumas expressões formulaicas (ex.: pega leve, sai dessa). Há uma seção chamada *Psiu* que é utilizada para dar dicas de vocabulário, porém sem nenhuma preocupação formal de praticá-las ou sistematizá-las. Se observarmos na página 5 (ibid.), veremos uma lista de expressões e gírias (ex.: Ir a uma balada./Se liga, meu!/vai encarar?/Cair na farra./Levar um fora/etc.); para que servem, como as usar etc., não está dito. Certamente, o professor será o responsável por elaborar uma tarefa ligada a estas expressões.

Em Henriques & Grannier (2001), vemos que, ao final de cada lição, temos uma expressão idiomática ilustrada literalmente, como na página 9 o *amigo da onça*, onde aparecem um menino e uma onça sorrindo abraçados. Certamente, o real motivo da ilustração é mostrar que o caráter da expressão é puramente metafórico, não se devendo analisá-la palavra por palavra, mas sim como um todo. Mais uma vez, cabe aos professores que usarem o material a tarefa de preparar uma atividade para praticar as expressões.

Meyer et alli (1998) propõem ao longo de sua obra, atividades que contribuem para o domínio das expressões formulaicas, como no volume I, por exemplo, podemos encontrar na página 20 um trabalho organizado no sentido de fazer o aluno compreender e dominar um tipo específico de expressão formulaica do tipo **que [subst/adj]** (cf. Cap.3, E10). Ainda assim, não há nessa obra uma sistematização eficiente o bastante para que o aprendiz possa compreender plenamente as expressões formulaicas.

Finalmente, percebemos que uma sistematização das fórmulas pode contribuir muito para a descrição do Português como língua estrangeira, uma vez que isto possibilita ao estudioso de PLE um contato maior com a língua falada no Brasil, através da análise de elementos lingüísticos outros que não são apenas gramática e vocabulário. A partir de uma sistematização eficaz, os aprendizes estrangeiros podem melhorar seu desempenho lingüístico em português, interagindo melhor em situações do dia-a-dia.

No capítulo 2, estabelecemos os pressupostos teórico-metodológicos que norteiam nosso trabalho. Nós nos utilizamos do embasamento teórico de duas áreas, a saber, a Pragmática e o Funcionalismo.

No que diz respeito à pragmática, vemos os conceitos de Levinson (1983), tomando a pragmática como uma junção de aspectos lingüísticos dependentes de um contexto e princípios de uso e entendimento de uma língua (Cf. Cap 2, p. 27). Associando-se à proposta de Levinson temos a proposta de Koch (2001) que afirma que a língua é uma atividade, uma forma de ação interindividual orientada para um fim. Além destas bases, vamos às formulações propostas por Tannen & Öztekin (1981), Tagnin (1989) e Wray (2002), entre outros, que apresentam teorias mais diretamente relacionadas ao uso de expressões, dentre as quais encontramos as formulaicas. A partir das afirmações destes teóricos, propomos uma definição própria para o termo expressão formulaica.

No que diz respeito ao Funcionalismo, em virtude da existência de diferentes tendências optamos por utilizar, neste trabalho, os conceitos mais adequados à construção da nossa análise, mesmo que provenientes de diferentes abordagens. Assim, o viés que mais nos interessa no funcionalismo é o fato de esta corrente se preocupar com a língua em situações reais de uso, *i. e.*, com as relações (funções) entre a língua e as modalidades de interação social em um determinado contexto. Vemos que diferentes contextos sociais vão funcionar diferentemente e proporcionar o uso de escolhas de estruturas que atendam a uma dada situação. A língua funciona baseada em escolhas situacionais. É a junção da pragmática com o funcionalismo que precisamos agregar à nossa análise como um todo para que se possa compor um construto capaz de tornar eficaz a descrição e o ensino de PLE, no que diz respeito às expressões formulaicas.

No capítulo 3, apresentamos uma análise de dados, a partir, da proposta encontrada no capítulo 2, mostrando como se organizam e como funcionam as expressões formulaicas encontradas no corpus. Mostramos a estrutura de cada expressão e o seu funcionamento em um determinado uso como quando o falante precisa concordar, discordar, etc. Apontamos as similaridades e as diferenças entre elas, além das peculiaridades encontradas em alguns casos. Ao final do capítulo, apresentamos um quadro sinótico das expressões recolhidas no *corpus* com seus usos e exemplos, trazendo algumas considerações finais sobre a análise.

No capítulo 4, apresentamos as conclusões finais do trabalho, reafirmando a importância de uma descrição do português mais específica no que diz respeito ao ensino de português para estrangeiros, particularmente, no nosso caso, quanto à descrição das expressões formulaicas.